

A revisão do texto literário: um trabalho de memória

Elzira Divina Perpétua*
Raquel Beatriz Junqueira Guimarães**

Resumo

A partir da prática de revisão de uma variedade de textos, o artigo reflete sobre o pressuposto de que o texto literário, por sua especificidade, requer do revisor um domínio que extrapola o de um revisor de outras modalidades de textos. Comportando a memória de outros textos, a obra literária, ao ser lida, atualiza a memória do revisor, num exercício constante que exigirá, além dos conhecimentos linguísticos que todo revisor deve dominar, uma prática que se situa nas fronteiras entre a objetividade de um profissional crítico e a subjetividade de um leitor sensível.

Palavras-chave: Revisão; Texto literário; Memória; Mnemônica textual.

Antes de debater a questão que ora apresentamos, é preciso esclarecer que partilhamos o ponto de vista de que é possível fazer a revisão de um texto literário sem cair na tentação de considerá-lo um solo sagrado e sem tratá-lo como um texto despojado de especificidades. Significa dizer que o texto literário, em seu processo de produção, é, tal como outros textos, passível de receber revisões de linguagem e de estilo. O trabalho do revisor, entretanto, não pode perder de vista que se trata de uma obra de arte em processo de constituição. Sob essa perspectiva, o revisor torna-se uma espécie de leitor privilegiado da obra e, ao mesmo tempo, um parceiro de escrita do autor. Dialoga com esse, observando criticamente os aspectos intrínsecos da produção.

Essas reflexões já ocuparam uma de nós anteriormente, no artigo que apresenta a ideia de que o revisor pode assumir funções semelhantes a de um tradutor (PERPÉTUA, 2008). Naquela oportunidade, chamamos a atenção, entre outros aspectos do trabalho de revisão, para a carga ideológica presente na preparação de textos cujos autores detinham uma condição social muito distanciada do saber institucionalizado e do mundo editorial. Do mesmo artigo

* Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

transcrevemos a citação a seguir, que norteia, no nosso entender, todo e qualquer trabalho de revisão do texto literário, independentemente das condições de vida dos escritores:

A fase de preparação de originais constitui uma das mais delicadas da editoração, exatamente porque se situa num território pouco objetivo, entre o bom senso do revisor e o estilo do autor. A interferência do preparador no texto alheio inclui desde a revisão ortográfica até a argumentação, com o autor, sobre a necessidade de mudanças estruturais no texto, em função de eliminar incongruências ou exageros. A tarefa do revisor, portanto, além de incluir o cuidado para não ferir a susceptibilidade de quem escreve, consiste em saber delinear a frágil fronteira entre o estilo e a inadequação lingüística. Há que vagar, então, pelo nebuloso caminho da subjetividade, sem perder de vista o objetivo do trabalho. (PERPÉTUA, 2008, p. 78-79).

Em termos mais amplos, é fundamental compreender que a tarefa de revisar um texto literário desloca o profissional da revisão para o território da crítica, transformando o revisor num crítico privilegiado, uma vez que seu contato com a obra ocorre no primeiro estágio da criação, aquele em que o texto existe apenas para um número limitado de leitores, antes da publicação – ou antes mesmo de chegar à editora, onde passará por outros processos de leitura.

Esse preâmbulo tem por objetivo lembrar que não raramente os revisores convivem (e devem aprender a conviver) com a desconfiança de escritores que consideram que a obra literária não deve e não pode ser alterada em nenhuma hipótese. Alguns artistas pressupõem que o texto literário é tão sagrado que não pode ser tocado pelas mãos “profanas” de um revisor. É importante, também, lembrar que alguns revisores abordam o texto literário ignorando a dimensão estética que o cerca.

Sem entrar no debate com a profundidade requerida pela questão da especificidade do texto literário, o que pretendemos é mostrar que a criação de um texto literário é um processo contínuo. Sem a presunção de se estabelecer como uma forma fixa, como é o caso de algumas artes visuais, o texto, a cada reedição, pode sofrer alterações, conforme o desejo de aperfeiçoamento de seu autor ou editor, que muitas vezes conta com a contribuição de leitores. É nesse contexto que a intervenção do revisor também pode ser solicitada. O aprimoramento do texto em termos estéticos será, portanto, o primeiro propósito do revisor ao tomar para si a tarefa. Dele, serão exigidas acuidade, perspicácia, sensibilidade – qualidades carregadas de subjetividade.

Algumas situações ilustram a importância desse ponto de vista. Manuel

Bandeira, por exemplo, em **Itinerário de Pasárgada**, defende que as revisões podem dar vida nova ao poema:

Quantas vezes também vi, em poetas de gosto certo nas emendas, um verso defeituoso ou inexpressivo carregar-se de poesia pelo efeito encantatório de uma ou de algumas palavras, exprimindo, no entanto, o mesmo sentimento ou a mesma idéia que as substituídas. Compare-se, por exemplo, o poema “Mocidade e morte”, de Castro Alves, como apareceu em *Espumas flutuantes*, com a primeira versão de 1864, e publicada em São Paulo por volta de 1868-69 sob o título “O tísico”. Na oitava inicial havia o verso “No seio da morena há tanta amora!” Na versão definitiva “amora” foi substituída por “aroma”. Naturalmente o poeta ponderou que as amoras do peito das morenas não são tantas, duas apenas, e mais tarde corrigiu o verso para “No seio da mulher há tanto aroma”. A superioridade é óbvia. (BANDEIRA, 1986, p. 41).

Bandeira nos mostra o quanto o texto literário é passível de retoques, sempre que entra em novo processo de edição. Embora o poeta esteja se referindo ao escritor como revisor, pode-se tomar esta concepção como um modo de compreender que a criação de um texto literário é um processo que se renova, inacabável tanto para seu autor quanto para seus leitores; entre eles, o revisor do texto, incumbido da edição.

Outros exemplos em pauta são aqueles em que a emenda pode ter origem na opinião de um leitor privilegiado, um interlocutor especial. Trata-se dos que são oferecidos em incontáveis oportunidades por Mário de Andrade à poesia de diversos poetas brasileiros, por meio de cartas, conforme se lê na extensa troca de correspondência, agora publicada em livros, entre o escritor paulista e jovens poetas de sua geração, como Henriqueta Lisboa, em **Querida Henriqueta**, e Carlos Drummond de Andrade, em **Carlos e Mário**, entre outros.

Ao lembrarmos a transitividade do texto literário, queremos compreendê-lo em seu porvir, portanto, como um território no qual pode agir não apenas seu autor, mas também os editores, revisores, leitores – parceiros, enfim, do processo de criação. Por vezes a ação se dá de modo harmônico, pacífico, quase silencioso; outras vezes há uma tensão, estabelecida, principalmente, pela divergência de ponto de vista entre revisor e escritor. É o tempo do diálogo, tempo no qual agem os envolvidos na criação.

Ao tratarmos da tarefa do revisor, refletiremos, especificamente, sobre a relação do revisor com o autor de um texto literário. Para que essa relação se efetive, é necessário considerar o revisor de um texto literário como um leitor contumaz. Como tal, trata-se de um sujeito possuidor de vasta experiência de leitura, com repertório próprio e concepção de valor literário, ciente de que o conceito de literatura é escorregadio, de convívio próximo com variados gêneros e estilos e, portanto, com grande percepção das possibilidades de uso das estratégias literárias. Significa dizer que o revisor de um texto literário não é exclusivamente um técnico que conhece regras de escrita e modos de construir coerentemente um texto. Também significa que não se trata apenas de alguém que conhece gêneros literários e sabe reconhecê-los e utilizá-los. Trata-se essencialmente de um leitor que convive com a literatura do ponto de vista cultural e estético.

Como leitor, cabe ao revisor do texto literário um duplo movimento, constante no exercício de leitura, de natureza paradoxal e somente possível em graus sequenciais variados: mergulhar no universo literário, entregando-se ao prazer e à emoção da leitura; e distanciar-se objetivamente desse universo, a fim de examinar com isenção profissional os efeitos que tal leitura produziria nos demais leitores. É por meio desse movimento constante de mergulho e emersão que o exercício de leitura proporcionará ao revisor equacionar os diversos graus de coerência interna e externa do texto. A leitura do revisor crítico, portanto, só é passível de se efetuar desse lugar sempre em movimento, nascendo do desconforto daí advindo a disposição de propor ajustes que incidam sobre os efeitos do texto.

É nesse contexto que se pretende afirmar a importância da memória de leitura para um revisor de texto literário. Entende-se aqui memória de leitura em dois sentidos distintos e complementares: o primeiro é a memória das leituras acumuladas em sua vida – trata-se, portanto, do modo como o revisor construiu seu repertório literário, seu arquivo pessoal de leitura; o segundo sentido aqui apontado refere-se àquilo que o revisor precisa lembrar durante o processo de revisão de um texto literário – a atualização de sua memória de leituras, exigida pela mnemônica textual.

O revisor do texto literário e a memória do texto

Refletir sobre o trabalho do revisor de texto literário nos remete à discussão sobre o trabalho da memória na medida em que a tarefa desse revisor configura-se

como um exercício de memória de outras leituras. Trata-se, na verdade, de um investimento na memória do próprio texto, isto é, na mnemônica textual. Durante sua leitura, o revisor depara informações, alusões, citações diversas, visíveis ou sutis, que acionam sua memória, seu arquivo pessoal de leitura. Ocorre que os intertextos podem também guardar equívocos de diversas ordens. O revisor perceberá o equívoco porque a leitura atenta proporcionou um encontro entre a sua memória e a memória do texto, tornando possível o apontamento do deslize cometido pelo escritor. Este é o caso, por exemplo, do que ocorre quando se percebe, sem necessidade de consulta, o deslize no uso de datas.

Para citar uma dessas ocorrências, lembramo-nos de que em determinada ocasião, ao fazer revisão de um texto que remetia à produção musical do Brasil colônia, o revisor percebeu a incongruência sobre a aproximação desejada pelo escritor entre os sons então criados e o ar de liberdade que pairava em Minas com a Inconfidência no séc. XVII. Sem necessidade de consulta, o revisor, tendo seu arquivo pessoal de leitura acionado, sabendo que a Inconfidência Mineira foi movimento libertário que ocorreu no século XVIII, pôde fazer imediatamente o apontamento do deslize e a respectiva correção. Se, entretanto, o revisor não possuísse esta informação em seu arquivo pessoal de leitura, a memória do texto em revisão não acionaria a memória pessoal do revisor. Quando isso ocorre, há necessidade de que o revisor certifique-se de menções a datas presentes na obra, para verificar se não houve equívoco por parte do escritor.

Outro exemplo da lida com a memória do texto em revisão é o que se pode vivenciar na leitura de narrativas ficcionais compostas por um número significativo de personagens. Se, a certa altura da narrativa, um personagem desaparecer da trama, ou suas características iniciais tiverem sido alteradas sem que o mundo do texto tenha explicado essas mudanças, será preciso que o revisor perceba esse movimento e o aponte para comentário com o escritor. Esse é o caso que ocorreu, em certa ocasião, na revisão final de uma obra de literatura infanto-juvenil que versava sobre uma história de detetives e piratas que, após muitas peripécias, se defrontavam numa ilha. Cheia de humor, a narrativa apresentava em todas as páginas a figura de um papagaio cuja importância na história era, sendo inseparável de seu dono, participar de todas as ações em que o homem figurava. Porém, sem nenhuma explicação, na cena final do romance de aventura, após a vitória dos heróis e a saída da ilha, o papagaio não constava mais empoleirado no ombro de seu dono. Ao verificar isso, o revisor apontou a questão para o editor, que pôde retificar a composição do final da história com o acréscimo de uma frase curta e torná-lo coerente em relação ao texto.

Um terceiro exemplo sobre os constantes encontros da memória do revisor com a memória do texto pode ser retirado da experiência do revisor frente a um texto autobiográfico de ex-aluna de um consagrado pintor. Ao rememorar, com palavras de grande ternura, os ensinamentos do mestre e sua convivência afetuosa com os alunos, a escritora atribui a conhecida timidez do pintor ao fato de ele ser portador de uma anomalia congênita conhecida como lábio leporino, mencionado por ela como “defeito de nascimento”. Coube ao revisor, nesse caso, explicar àquela autora que a linguagem atual não admitia mais o uso de determinados termos, em especial de alguns que, ao pretender atenuar características físicas de uma pessoa, terminam por encobrir o preconceito que as revestem. Dessa forma, graças à intervenção do revisor, a expressão “lábio leporino”, sem falsos eufemismos, ganhou as páginas onde antes figuravam expressões que poderiam ser tomadas como expressão de preconceito, o que ia contra a homenagem sincera da ex-aluna ao seu mestre.

Outro aspecto da memória do texto é o que se refere às escolhas recorrentes do escritor – a que se chama comumente de estilo. Para caracterizar o estilo de um escritor podemos considerar a sua criação pessoal em todo domínio da língua: Conforme nos aponta Domício Proença Filho (1978), analisar um texto à luz da estilística é observar aspectos da seleção vocabular, aspectos ligados à sintaxe, aspectos semânticos. A partir disso pode-se dizer que o revisor, ao entrar em contato com o texto de um escritor, vai passar a perceber quais recursos o escritor utiliza e arquivar em sua memória de leitura o que seria o estilo do escritor que passa a conhecer. Para sistematizar como se dá a seleção vocabular do texto em revisão, o revisor vai: i) dirigir sua atenção, por exemplo, ainda de acordo com Proença Filho, ao material fônico utilizado pelo escritor; ii) tentar perceber as escolhas das palavras de acordo com sua carga afetiva; iii) perceber se o escritor aproxima suas escolhas dos valores socialmente convencionais ou se os subverte. Para reconhecer os aspectos ligados à sintaxe, o revisor pode sistematizar a preferência por algumas construções sintáticas específicas, o afastamento ou a aproximação das normas sintáticas vigentes, o uso de algumas figuras de construção frasal tais como as inversões, as repetições, o pleonasma. Ainda segundo Proença Filho (1978), no campo semântico, o revisor pode se dedicar a perceber, por exemplo, os modos como o escritor escolhe o uso de figuras de linguagem como a metáfora, e a metonímia. Essa leitura que procura perceber o estilo do escritor é, de modo concomitante, percepção da memória do texto e construção da memória de leitura do revisor.

Por tudo isso, pode-se dizer que o revisor de um texto literário não vai se ater a retificar aspectos da pontuação, a sugerir uso de maiúsculas ou minúsculas, a verificar compatibilidade de concordâncias nominais e verbais. Ele terá de levar

em consideração os efeitos semânticos e sonoros que as sugestões apresentadas ao escritor terão sobre o texto. Ao proceder a revisão, portanto, o revisor vai analisar o modo como os elementos poéticos ou narrativos estão organizados no texto. Objetivamente, as propostas de ajustes nascem do exame do discurso dado. Por isso elas devem ser pautadas pelas condições persuasivas de enunciação que estruturam a prática discursiva e que se manifestam, no caso do texto literário, através das vozes narrativas, dos diálogos entre personagens, dos monólogos e apartes, do eu lírico, enfim, dos sujeitos que instauram o discurso no texto.

Consequentemente, para realizar essa tarefa o revisor deverá conhecer alguns elementos básicos de teoria da literatura e de funcionamento do texto literário como arte, criação, e ficção. Se a ficção se realiza na junção do real com o imaginário, como defende Iser em **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**, é imprescindível, ainda, certo conhecimento histórico e de bases culturais diversificadas. Assim, a experiência de leitura do revisor será a matéria básica a ser acionada pela memória no momento em que este exerce a sua tarefa.

O revisor do texto vai acionar, também, o seu arquivo pessoal, ao precisar recorrer a conhecimentos relativos a elementos da teoria da literatura. Compreender a importância do plano da expressão e do modo como se diz torna-se importante para as intervenções do revisor do texto literário. Distinguir a ambiguidade intencional da ambiguidade viciosa, por exemplo, identificar a criação de palavras, os neologismos, e verificar se o que está feito é consistente, o significado do uso informal da gramática pela criação sintática ou pela exploração de falares anteriormente não registrados pela escrita, serão avaliados pelo revisor desde que ele compreenda as possibilidades estéticas da língua. Essa compreensão advém, conforme já dissemos, em parte da experiência de leitura literária do revisor, mas também advém dos seus conhecimentos da teoria da literatura.

No caso de revisão das narrativas em prosa, por exemplo, pode ser importante a compreensão do funcionamento da voz narrativa, dos modos de sua construção, o conhecimento, enfim, dos recursos de que um escritor pode lançar mão para a construção de um narrador observador, testemunha ou protagonista, ou, ainda, da possibilidade de o narrador aderir a um personagem ou afastar-se dele de modo deliberado, ou seja, o revisor precisa compreender o funcionamento do ponto de vista narrativo.

No campo da revisão de textos poéticos, conhecimentos de ritmo, valor e construção de versos livres e brancos, o trabalho estético dos limites do verso, a importância das pausas e do silêncio, o modo como está elaborada a voz lírica, ou a construção épica do texto, podem ser importantes para que o revisor penetre de modo consistente no universo criativo do poeta cujo texto está em revisão.

Não se pode, entretanto, pressupor que o repertório de leitura constituído pelo revisor seja definitivo e que, de posse dele e do conhecimento específico de aspectos fundamentais da teoria da literatura, o revisor esteja pronto para o trabalho. Como o texto literário é uma arte e os valores estéticos mudam com o tempo, o que se tem é que o ofício do revisor de um texto literário está continuamente em construção. Na mesma medida em que os artistas, escritores procuram caminhos diversos para a atualização de sua arte, assim também o revisor do texto literário vai desenvolver a capacidade de conviver com o novo, o diferente, o experimental, a vanguarda e a tradição. Nessa junção é que residem a acuidade, a perspicácia e a sensibilidade de que falamos anteriormente. O ofício do revisor do texto literário exige uma formação constante, de modo que se possa compreender, por exemplo, que a visão contemporânea rejeita a concepção do tempo como linearidade homogênea e vazia. Visto dessa maneira, o revisor do texto literário precisa acompanhar as preferências estéticas de seu tempo, – quer dizer, atualizar-se. Só assim será possível dialogar de modo mais adequado e eficaz com o escritor.

Um dos conceitos da teoria da literatura que exemplifica a necessidade de atualização é o da verossimilhança. Os romances do século XIX, por exemplo, procuravam e criavam mundos ficcionais com funcionamento que mimetizavam os mundos não ficcionais. A partir das primeiras décadas do século XX, a literatura se interessa cada vez menos por essa mimetização, e o conceito de verossimilhança vem sendo progressivamente discutido. Ainda para esse exemplo, podemos citar as narrativas de absurdo que, muitas vezes, deslocam o mundo ficcional de tal modo que o diálogo com o mundo físico torna-se improvável ou impossível. Assim ocorre, também, com as alterações existentes no funcionamento dos gêneros literários, que hoje têm suas fronteiras praticamente rompidas, o que dificulta a catalogação e classificação de textos em categorias estanques. O revisor, de posse desses conhecimentos, poderá atuar de modo consistente no exercício de seu ofício.

Por fim, vale a pena lembrar que o revisor de texto literário tem também como tarefa atentar para os elementos que compõem o paratexto do texto em revisão. O paratexto, entendido como os pequenos textos que se situam na periferia do texto principal (MUZZI, 2008), constituem os elementos que são partes intrínsecas da obra: título, prefácio, textos editoriais de orelha, quarta capa, contracapa, página de créditos, com sua ficha catalográfica e equipe editorial, dedicatória, epígrafe, notas de rodapé. Também por sua posição periférica em relação ao texto principal, mas tão importante quanto este, as ilustrações constituem um das mais importantes elementos examinados pelo revisor. Fatores como coerência entre imagem e texto, adequação e clareza da linguagem visual face ao texto, fazem parte da tarefa do revisor, notadamente quando a obra se destina às crianças e aos jovens, onde esta modalidade de paratexto é mais comum.

Refletindo sobre o campo de trabalho do revisor, pode-se compreender porque alguns estudiosos do livro impresso reconhecem a grande importância dos profissionais da edição. Em defesa destes, Roger Chartier (1994), por exemplo, lembra que Stoddard considera que os autores não escrevem livros, “porque os livros não são absolutamente escritos”, mas “fabricados por copistas e outros artífices, por operários e outros técnicos, por prensas e outras máquinas” (1994, p. 17). Para Chartier, “deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor.” (1994, p. 17).

Acrescentaríamos a essa verdade incontestável o que a experiência nos tem mostrado: que a atenção inerente ao trabalho de todo revisor é compensada, para o revisor do texto literário, pelo prazer que a leitura proporciona e pela possibilidade de contribuir para ampliar o efeito estético da obra revisada.

Abstract

Considering the practice of proofreading a variety of texts, this article assumes that the literary one, due to its specificity, requires from the proofreader knowledge that exceeds that from the proofreaders of other types of texts. Since it incorporates the memory from other texts, when a literary work is read, it updates the proofreader's memory, in a constant exercise that demands linguistic knowledge as well as other skills, creating a boundary between the objectivity a proofreader must have and the subjectivity found in more sensitive readers.

Keywords: Revising; Literary text; Memory; Textual mnemonics.

Referências

BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada. In: **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986. p.33-102.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad.: de. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

MUZZI, Eliana. Paratexto: espaço do livro, margem do texto. In: QUEIROZ, Sônia (Org.). **Editoração**: arte e técnica. 2.ed. ver. e aum. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. p.58-62.

PERPÉTUA, Elzira Divina. O revisor como tradutor. In: QUEIROZ, Sônia (Org.). **Editoração**: arte e técnica. 2.ed. ver. e aum. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. p.76-88.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Ática, 1978. p. 51-67.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Literatura em suas fontes**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

STODDARD, Roger E. Morphology and the book from an American perspective. **Printing History**, 17, 1987, p. 2-14. *apud* CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad.: Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. p.17.